

Magalhães, Antonio Carlos

ACM, o vice-rei terno e malvado

14 SET 1986

Se alguém precisa citar um político hábil na Bahia, vai logo pensar em seu nome. No entanto, ele já esbofetou um general, chamou um ministro militar de corrupto, quando ele ainda estava no poder, e enfrentou um adversário armado de revólver na Assembléia Legislativa. É a mais alta patente das autoridades civis da Nova República em seu Estado, mas não esconde de ninguém que "a Revolução de 1964 foi excelente para a Bahia". Com um simples pronunciamento, deixou de ser "Toninho Malvadeza" e passou a se chamar "Toninho Ternura", mas não descuidou um só minuto no trabalho a que se dedica desde que se iniciou na política (como a Medicina, não aplicada, herdada do pai): a alimentação permanente dos noticiários políticos no Brasil inteiro. Ninguém poderia achar um nome melhor para um apodo do tipo "o vice-rei do Nordeste" do que o seu, mas foi pragmático o suficiente para saber que só poderia vencer as eleições estaduais se não recorresse a um homem historicamente ligado a sua liderança. Foi buscar nos substantivos próprios Josaphat e Marinho a solução para não entregar o poder no Estado para seus adversários, mesmo ficando apenas parcialmente nele. Antônio Carlos Magalhães, o escravo do telefone que se tornou ministro das Comunicações, arregaçou as mangas, deixou o Ministério nas mãos dos técnicos e se instalou em seu apartamento, em Salvador, para comandar a campanha.

Esta, aliás, é mais uma campanha à sua feição. Afinal, mais uma vez a luta política na Bahia não se trava entre esquerda e direita, mas entre carlistas e anticarlistas. Em sua trajetória pela política nacional, ACM, como também é conhecido o ministro, fez muitos amigos e muitos inimigos, alguns dos quais seus antigos aliados no próprio Estado onde nasceu. A Waldir Pires, candidato do PMDB, juntaram-se, por exemplo, Prisco Viana, que era malufista e só por isso não poderia ser amigo de Antônio Carlos, e Haroldo Lima, que é comunista e com comunista ele nunca se deu.

"A Bahia mudou muito e não foi apenas do ponto de vista econômico não. Foi também em termos políticos e sociais". Antônio Carlos responde ao slogan do PMDB — "A Bahia vai mudar". Aos 59 anos, casado com Arlete há 35, 4 filhos, um dos quais, Luís Eduardo, é político e herdou-lhe a habilidade e a coragem, 8 netos, este homem de cabelos brancos e indomável barriga não esconde de ninguém que se considera, mais que político competente, o que ninguém lhe nega, um administrador eficiente, do que seus adversários descrevem. Na verdade, Antônio Carlos sempre esteve próximo do poder e essa vizinhança permitiu à Bahia um salto econômico que surge aos olhos de qualquer visitante. "Em 1960, a Bahia dependia 60% do cacau. Hoje o cacau contribui para 16% da receita enquanto só o pólo petroquímico, que produz mais para exportar e, portanto, gera

ESTADO DE SÃO PAULO



Antônio Carlos Magalhães é o centro de gravitação da política na Bahia

pouco ICM, entra com 32%", recita o ministro.

Filho de um médico e intelectual respeitado, Magalhães Neto (que se tornou deputado por insistência do velho cacique udenista, Juracy Magalhães), nascido na rua da Independência, em Salvador, começou a fazer política quando era funcionário na Assembléia Legislativa da Bahia. Deputado federal pela UDN durante o governo de JK, formou um grupo chamado de "chapa branca", porque não fazia oposição ao governo pessedista. Amigo de Juscelino, coleciona até hoje as cartas que o ex-presidente lhe mandava do exílio, louvando-lhe a coragem de ser amigo de um proscrito pelos militares, a cujo regime serviu como prefeito de Salvador, duas vezes governador da Bahia e presidente da Eletrobrás.

Amigo pessoal de Castello Branco, aproximou-se de Ernesto Geisel quando o general era chefe da Casa Militar, no Planalto, e pôs seu dedo para influir no entusiasmo com que o então presidente da Petrobrás convenceu o presidente Médici a instalar o pólo petroquímico de Camaçari na região metropolitana da Grande Salvador.

Em seu 57º aniversário, no dia 4 de agosto, um depois do aniversário de seu arquiinimigo Paulo Maluf, o ministro da Aeronáutica, brigadeiro Délio Jardim de Mattos, foi acusado por ele de corrupção no episódio da construção do aeroporto de Salvador. ACM, que trabalhara pela candidatura de Mário Andreazza, no PDS, ajudou a diminuir o medo que alguém pudesse ter de uma reação militar a Tancredo não só com seu ges-

to, responsável pela mudança de seu apelido de "Toninho Malvadeza" para "Toninho Ternura", mas também pelos contatos que ajudou a propiciar entre Tancredo e Geisel, que representa até hoje uma parcela importante do pensamento político das casernas. Sua posição tancredista afastou-o definitivamente de amigos do tempo de Castello, como Figueiredo e Golbery, mas lhe garantiu um posto importante no governo, o Ministério das Comunicações. "Quando Antônio Carlos aceitou o Ministério, muita gente do PMDB rejubilou-se pensando que era um posto de pouca importância política. Ele logo provou que não era", reconhece Mário Kertész, que foi lançado por ele na política e com ele rompeu, quando, prefeito de Salvador, foi preterido em favor de Cleriston Andrade, conduzido por ACM à candidatura do PDS ao governo do Estado. Com a morte de Cleriston e a eleição de João Durval Carneiro, um desconhecido "coronelão" do Interior, que bateu o ex-governador Roberto Santos, da coligação PP-PMDB, a lenda do "vice-rei do Nordeste" se consolidaria.

Antônio Carlos não manda flores para seus inimigos e eles se juntaram numa aliança política, antes impensável na Bahia, apenas para derrotá-lo. Sabendo disso, ele passa agora a maior parte de seu tempo em Salvador e não em Brasília, e das 9 horas da manhã às 4 horas da madrugada quase não larga o telefone para preparar a poção da vitória para um candidato apartidário e apresentado por João Durval, mas por ele aceito sem dificuldades — o professor Josaphat Marinho. ACM reconhece que não há mais jovens lideranças políticas e atribui a ausência de renovação dos quadros partidários aos 20 anos de autoritarismo. "Eu sempre achei que não se deveria fechar os estabelecimentos de ensino secundário ou superior à política. Esse foi um erro, mas era um princípio sagrado dos governos revolucionários. Eles assassinaram as lideranças políticas ainda em seus embriões", reconhece.

Ao contrário de Octávio Mangabeira, um liberal progressista que governava a Bahia suavemente com seus ternos de linha branca Taylor S-120, Antônio Carlos Magalhães, que se veste com discretos tecidos sintéticos, usa pulso forte e se orgulha de ter-se afastado do centro do poder os quatrocentões, representantes das famílias mais ilustres da Bahia. Mas sua grande felicidade é que nem o regime autoritário, a que serviu e que ajudou a derrubar, conseguiu destruir uma liderança política no embrião: a de seu filho Luís Eduardo, sobre quem comenta, sem procurar esconder o orgulho: "É melhor político do que eu".

Mas ainda não é a hora de Luís Eduardo. No momento, o esforço da repouso da Graça é um só: eleger o setentão Josaphat Marinho, seu antigo adversário, e afastar, por mais quatro anos, o fantasma do anticarlistismo dos porões do Palácio da Aclamação. (José Neumanne Pinto)